

Violência nas relações afetivo-sexuais entre jovens com recorte de gênero: a partir de discursos de jovens piauienses

Violence in affective-sexual relations between young people with a gender outline: from the speeches of young people from Piauí

Violencia en las relaciones sexuales y afectivas entre los jóvenes con un esquema de género: de los discursos de los jóvenes de Piauí

Recebido: 29/06/2020 | Revisado: 10/07/2020 | Aceito: 13/07/2020 | Publicado: 30/07/2020

Alba da Silva Mateus

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4483-179X>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Centro Universitário do Piauí, Brasil

E-mail: albanick.13@gmail.com

Brenna Galtierrez Fortes Pessoa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6421-5754>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: brennagaltierrez@hotmail.com

Ranieri Flávio Viana de Sousa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3372-0023>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

E-mail: ranieriflavio@hotmail.com

Mariana Almendra Cavalcante do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5657-9977>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: marianaalmendra@hotmail.com

Liana Maria Ibiapina do Monte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8339-8477>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Centro Universitário do Piauí, Brasil

E-mail: lianaiapiapina@yahoo.com.br

Elaine Ferreira do Nascimento

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1632-9148>

Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Universidade Federal do Piauí, Brasil

E-mail: negraelaine@gmail.com

Resumo

O presente estudo busca investigar qual a compreensão de jovens piauienses sobre as questões de saúde e sexualidade, destacando a compreensão destes acerca da temática de violência no namoro. A adolescência e a juventude constituem etapas do desenvolvimento marcadas predominantemente pela busca de identidades e sentidos, sendo também um período frequentemente caracterizado por múltiplas experiências, sejam elas de relacionamentos, identificações sexuais, ou ainda referente a gênero, que se exteriorizam e se aclaram. No entanto, por vezes, esta fase pode ser marcada por experiências adversas, como a violência. O objetivo da pesquisa consiste em analisar a percepção que os jovens e adolescentes têm em relação a violência nas relações afetivos sexuais/namoro. Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, e para a construção desse material, foi selecionado 6 entrevistas das 34 realizadas com meninos e meninas entre 14 e 24 anos sobre os seus conhecimentos acerca da violência no namoro.

Palavras-chave: Violência no namoro; Gênero; Jovens.

Abstract

The present study seeks to investigate the understanding of young Piauí people about health and sexuality issues, highlighting their understanding about the theme of dating violence. Adolescence and youth are stages of development predominantly marked by the search for identities and meanings, and it is also a period often characterized by multiple experiences, whether of relationships, sexual identifications, or even regarding gender, which externalize and clarify. However, sometimes this phase can be marked by adverse experiences, such as violence. The objective of the research is to analyze the perception that young people and adolescents have in relation to violence in sexual relationships / dating. This article is part of a larger research, and for the construction of this material, 6 interviews were selected from the 34 conducted with boys and girls between 14 and 24 years old about their knowledge about dating violence.

Keywords: Violence in dating; Gender; Youth.

Resumen

Este estudio busca investigar la comprensión de los jóvenes de Piauí sobre temas de salud y sexualidad, destacando su comprensión del tema de la violencia en el noviazgo. Adolescencia y la juventud son etapas de desarrollo marcadas predominantemente por la búsqueda de identidades y significados, y también es un período a menudo caracterizado por múltiples experiencias, ya sea de relaciones, identificaciones sexuales o incluso relacionadas con el género, que externalizar y aclarar. Sin embargo, a veces esta fase puede estar marcada por experiencias adversas, como la violencia. El objetivo de la investigación es analizar la percepción que tienen los jóvenes y los adolescentes en relación con la violencia en las relaciones sexuales / citas. Este artículo es parte de una investigación más amplia, y para la construcción de este material, se seleccionaron 6 entrevistas de las 34 realizadas con niños y niñas entre 14 y 24 años sobre su conocimiento sobre la violencia en el noviazgo.

Palabras clave: Violencia de pareja; Género; Juventud.

1. Introdução

A violência no namoro é assunto ainda marginalizado nas discursões sociais e até em campanhas governamentais de prevenção, apesar de que muitos autores no cenário acadêmico tem abordado essa temática em seus estudos como Minayo (2011) e Saffioti (2004), discorrendo sobre como esta questão foi negligenciada durante décadas.

No Brasil, esse tipo de violência começou a insurgir como violência conjugal, através das lutas feministas, que se iniciaram a partir da década de 70, pois nem sempre este tipo de relação afetiva caracterizada como namoro foi vista desse modo. Nesse caso, até então a violência era reconhecida apenas no âmbito do casamento. Já na década de 80 e 90 os movimentos feministas começaram a lutar para que a violência contra a mulher fosse tratada também como uma questão social e caso de saúde pública, para que políticas fossem criadas para solucionar esta demanda (Martins, 2017).

Atualmente existem outros consensos na percepção de que a adolescência é uma fase de desenvolvimento que propicia o investimento em esforços preventivos. É um período que se compreende que a transição da identidade torna-se caracterizada pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social no qual o indivíduo busca alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais que a sociedade os impulsiona a desejar

diariamente através das representações midiáticas e a busca pela aceitação dentro dos grupos sociais (Bezerra *et al*, 2016).

Dessa forma, entende-se que é nesta fase da vida, em que ocorre o estabelecimento das primeiras relações afetivo-sexuais e em que surge o risco de experiências de vitimização ou de perpetração desse evento, e muitos destes se dão a partir de abusos sofridos pelos adolescentes ainda na infância, em suas famílias de origem, e que se perpetua nas que eles próprios formarão na vida adulta, devido à naturalização dessas violências (Bezerra *et al*, 2016)

Apesar disso, ainda é escasso no cenário acadêmico, estudos sobre casos de violência de gênero, especificamente relacionado às questões de namoro, por isso torna-se importante refletir sobre a abordagem deste tema, uma vez que essa violência envolve inúmeros preconceitos, estigmas sociais e culturais, fatores estes contribuem para a invisibilização e subestimação desses eventos, no que diz respeito ao namoro, e isso torna mais agravante quando se envolve pessoas jovens. Já que é neste período que há ocorrência de profundas transformações, que podem ser compreendidas a partir da socialização de padrões juvenis, que ocorre, especificamente, durante a inserção em grupos de jovens que repassam entre si as experiências vividas, por razão de muitas vezes não obterem a devida assistência familiar sobre certos assuntos, como a violência afetivo-sexual, e acabam sendo negligenciados nesse aspecto (Le Breton, 2017).

Diante das violências que as mulheres vêm sofrendo ao longo dos anos, o que o autor traz em seus debates é a relevância de que no início do namoro entre jovens se torna o momento necessário para se debater sobre a temática, o que torna essencial o apoio não só da família no envolvimento dessas discursões, mas sim da comunidade e mais ainda do Estado, garantindo políticas voltadas para a juventude, com o objetivo de romper com o preconceito e trazer visibilidade para o assunto.

2. Metodologia

A pesquisa foi realizada a partir de um estudo de campo realizado em Teresina-Piauí, no Colégio Estadual José Pacifico de Moura Neto. Para o presente artigo utilizou-se também de pesquisa bibliográfica, utilizando as bases de dados da Scielo e buscas no Google acadêmico.

A metodologia utilizada é de natureza qualitativa, sendo os métodos qualitativos aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões

sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas (Pereira, *et al.*, 2018). E baseou-se em um estudo analítico interpretativo de Romeu Gomes, e o estudo de campo realizado no período de agosto a dezembro de 2019, relacionado a conversas sobre sexo e sexualidade com adolescentes e jovens em uma escola pública de ensino médio técnico, localizada em Teresina, capital do Piauí, região do Nordeste brasileiro. Esse artigo se concentrou em oito estudantes sendo cinco alunas com idades entre 16 e 18 anos e três alunos com idades entre 17 e 18 anos. Foi utilizado para a coleta de dados o método de entrevistas semiestruturadas, contendo oito perguntas que foram elaboradas pela equipe da Fiocruz-PIAUÍ. O roteiro dessas entrevistas possuía perguntas que abrangiam temas como: sexo, sexualidade e violência nas relações afetivo-sexuais. Para o presente trabalho foram utilizadas questões relacionadas às conversas sobre violência nas relações de namoro. Os dados oriundos das entrevistas foram analisados através do método de interpretação de sentidos, tendo como finalidade a compreensão dos dados coletados e a ampliação do conhecimento acerca do assunto pesquisado, resultando em categorias de análise (Gomes, 2016).

Os passos utilizados para a interpretação dos diálogos foram: (a) leitura compreensiva, com vistas à compreensão do conjunto e à apreensão das particularidades; (b) identificação e recorte temático; (c) reconhecimento e problematização das ideias explícitas e implícitas nos discursos; (d) busca de sentidos mais amplos e subjacentes às falas dos sujeitos da pesquisa; (e) diálogo entre as ideias problematizadas provenientes de outros estudos acerca do assunto; (f) elaboração de síntese interpretativa, procurando articular o objetivo do estudo, dados empíricos e a base teórica adotada (Gomes, 2016). Para identificar as entrevistas, foi inserido nomes fictícios, e a idade de cada entrevistado(a).

A pesquisa na qual este artigo está inserido foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão—FACEMA, sendo aprovado com o registro CAAE: 84487918.6.0000.8007, sob o de Número do Parecer: 2.555.605.

3. O Olhar dos Adolescentes Acerca da Violência no Namoro: um Recorte de Gênero

A adolescência para a Organização Mundial da Saúde (OMS) se constitui na transição da infância para a fase adulta, que se compreende dos 10 aos 19 anos (Vivendo Adolescência, 2019). Além de ser a fase considerada de transformações para os jovens desta faixa etária, é nessa etapa do desenvolvimento que os jovens trazem consigo muitas descobertas, desta

forma, é nesta fase que surgem alguns sentimentos como: inquietude, ansiedade ou ainda insegurança, estas que podem ter origens advindas de experiências boas ou ruins vivenciadas em diversos âmbitos, incluindo o familiar, que refletem em diferentes aspectos da sua vida social, a exemplo do namoro. (Santos, 2016).

O debate acerca dessas experiências vivenciadas ainda na juventude em uma sociedade patriarcal, marcada notadamente por recortes machistas e misóginos, que tem como único fim a subalternização da mulher em detrimento do homem, sendo estes fatores que contribuem para a exposição de futuros relacionamentos abusivos, causando assim a propensão de habitualidade desse tipo de violência em suas relações afetivas presentes e futuras. Tal prática é entendida por Bourdieu (2012) como violência simbólica, causada por uma dominação masculina, na qual é possível entender como ocorre o poder hierarquizado, dos homens pelas mulheres, que são incorporadas e naturalizadas por ambos, por conta do *habitus*, que é um conceito, na qual o autor utiliza-se para compreender a razão desses comportamentos violentos que causam problemas nas relações afetivo sexuais.

Este que não é somente um fenômeno social, mas também de saúde pública, pois conforme Minayo (2011), não é algo recente, é um conceito baseada na OMS, que diz “comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores”. Sendo assim, a violência no namoro assumiu-se *status* de questão de saúde pública.

Isso se refletiu para que a violência nas relações afetivo-sexuais ganhasse uma grande visibilidade social. Entendendo-se, como o fenômeno é vivenciado pela sociedade por séculos, fazendo com que esse tipo de violência conjugal coexista no meio social, ainda que seja de maneira velada, pois este se esconde, através da manutenção da boa aparência na vida privada, alimentado e perpetuado por uma cultura patriarcal de condutas machistas (DE Oliveira, 2016).

Nesse sentido, é possível compreender como a violência pode transformar-se criticamente, quando se naturaliza essa forma cultural de comportamento, tornando-se base para geração de problemas em possíveis relacionamentos. Ocasionalmente, devido à complexidade os adolescentes na sua maioria ainda possuem dificuldade em identificar as agressões como algo ofensivo para o namoro, portanto são pessoas que não conseguem reagir a tal, e por muitas vezes ficam submetidos há ações controladoras, que geram brigas e desavenças em diferentes aspectos da vida do casal. Com o tempo a convivência dessas relações passa a se caracterizar pelo autoritarismo e rigidez, não existindo assim formas de

proteção que modifiquem esse padrão, e devido a sua habitualidade podem ocorrer repetições das relações de violência (Sant'anna; Penso, 2016).

Conforme relata (Marina, 17): *“Pode acontecer desafeto entre eles um casal, desentendimento na hora da relação sexual, por um querer usar camisinha, o outro não. Ou, então a mulher ela não teve relação com ninguém é virgem ainda, e o homem quer com ela [fazer sexo], e ela [não] querer, [cria-se] desafeto, uma briga ou então uma tragédia”*. Deste modo, é possível compreender como esta e outras formas de violência ocorre devido à elevada prevalência dessa cultura patriarcal de aspectos machistas. Isso faz com que mulheres desde sua infância, estejam submetidas nessa forma cultural, que circunscreve não só na esfera pública, mas também no âmbito privado, ou seja, na família, na qual, é perpassado, conceitos e valores em relação a mulher e o homem, que implica na submissão desta a aquele (Schleiniger; strey, 2016).

Outra problemática é o ciúmes, como relata (Paulo 16): *“De ciúmes, pode gerar acho que...grande parte de fim de namoro, é ciúme”*. Dessa forma, pode-se compreender que o sentimento de ciúme é intenso e desproporcional em indivíduos muito possessivos e inseguros, podendo ser eventualmente difícil de diferenciar do delírio de ciúme. O ciúme para alguns jovens pode ser confundido com o sentimento de amor e o tratam como algo normal em suas relações (Freire, 2016).

Também pode ser visto em estudos como de Violência no Namoro de 2019, que revelou que 58% dos jovens, que namoram ou já namoraram, que diz já ter sofrido com pelo menos algum tipo de violência por companheiro (a) ou ex-companheiro (a). Outro dado, é que cerca de 67% acham isso natural, conforme investigou a UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta). A pesquisa também apontou a violência psicológica como sendo a mais comum, aquela realizada através de atitudes de controle (sobre vestiário, hábitos ou outros tipos de comportamento), devido a ser por vezes agressões sutis, confundidas pela própria vítima como ciúmes/amor do parceiro, sendo ainda mais complicada identifica-las quando envolve dentro do contexto juvenil, que, por conseguinte, torna-se invisibilizadas pela sociedade (Magalhães *et al*, 2019).

A partir das discussões destes autores pode-se compreender que a violência nas relações de namoro tem se tornado algo naturalizado no namoro entre os/as jovens, e isso pode sim influenciar em seus relacionamentos no futuro. O ciúme e a violência psicológica considerada nas pesquisas como as mais frequentes nas relações, estas podem ser entendidas como uma forma do companheiro de obter domínio em relação a sua companheira e desta forma essas pratica vem se tornando cada vez mais habituais no namoro entre jovens.

4. Violência de Gênero: um Fenômeno Social Invisibilizado no Contexto Juvenil

Conforme Bulter (2010) é possível compreender como a temática do gênero surge atrelada a diversos tipos de violência, caracterizando assim os sentimentos como atos que causam danos físicos ou emocionais, sendo perpetrados a partir do poder que é exercido do homem em relação à mulher, produzindo assim a desigualdade de gênero, classificando o conceito de masculino e feminino. Neste sentido, essas formas de poder são reproduzidas por muitas vezes na sociedade por meio das mídias, como é relatado a seguir:

Luana, 16	<i>mas...a gente ver mais em relação aos homens, né. Maltratando as mulheres violentamente, eu acho ridículo, acho muito triste, também.</i>
João, 17	<i>“Eu vejo mais é na televisão no jornal sobre violência contra a mulher, homem agredindo a mulher”,</i>

Podendo assim compreender que por muitas vezes a mídia corrobora com a naturalização da violência contra a mulher, onde o agressor sustenta os sentimentos de posse sobre as mulheres.

Compreendendo assim, que a violação do corpo feminino não é apenas uma transgressão que envolve vítima e agressor, e sim uma comunicação entre o casal, já que o agressor torna-se dominante e a vítima que vive permeada pela cultura de uma sociedade machista e patriarcal sofre uma violência velada (Segato, 2017). No livro *Fala Galera*, a autora Minayo *et al.* (1999) aborda como essas mídias tem influenciado no comportamento dos jovens acerca da violência, já que os mesmos promovem com altos índices a violência social, causando nos jovens uma desorientação sobre o que se torna verídico do que é imaginário, causando a banalização das relações íntimas e sociais fundadas em agressões, impulsionando a eliminação ou violência contra a outra pessoa, tornando assim as violências veladas, causando a invisibilização das mesmas.

Nos estudos de Gomes (2011), tais violências são consideradas cotidianamente insensíveis e invisíveis para as vítimas. Necessitando assim, de ações coletivas de grupos que busquem dar visibilidade a esses tipos de violência, solucionando essas demandas e reconhecendo o direito desses jovens, tornando visível para a sociedade que compartilha e se comunica dentro desses espaços públicos (Mota, 2014).

Na proporção que essa comunicação se constitui no contexto juvenil, a violência pode acabar se solidificando de tal maneira, que no íntimo desses jovens se naturalizem, na qual se replicam essas expressões advindas do agressor, sendo a violência física uma das que mais se tornam presente, quando o mesmo passa acreditar que detém o controle sobre a/o companheira/o (Machado, 2010).

Desse modo, a violência contra meninas e mulheres tem sido vista como algo “natural” pela sociedade, que se encontra estruturalmente hierarquizada, onde as mulheres são vistas como objetos dos homens e inferiorizadas, sendo ainda, nesse contexto, consideradas como propriedades desses sujeitos, consideram-se portadores do direito de violenta-las de todas as formas, lembrando que até mesmo o poder público, se ausenta desses atos, que por muitas vezes não ampara com efetividade a necessidade dessas vítimas. (Silva, 2019).

Desse modo, existe a necessidade de ampliar a promoção de programas de prevenção e de intervenção com objetivo de promover o amparo dessas vítimas de violência, e principalmente exercer trabalhos preventivos com jovens, devido que é nessa fase da adolescência que começam os primeiros relacionamentos amorosos e possivelmente surgem alguns comportamentos abusivos (Barros, 2014). Exigindo assim, o rompimento com as resistências arraigadas na sociedade, modificando principalmente a área da educação, trazendo para esse ambiente escolar o diálogo entre os jovens para que através desses depoimentos sejam definidas ações efetivas e eficazes (Velaquez, 2016).

Para romper com essas práticas de violência nas relações afetivo-sexuais faz-se necessário também a inserção de debates dentro das salas de aula, sabendo que este é um local em que na maior parte do dia os/as jovens tem trocado ideias com seus colegas e professores. Esta é uma temática que não deve ser trabalhado apenas com a juventude, mas também com a população como todo, sabendo que existe ainda uma sociedade que se mantém de forma neutra diante das violências que as mulheres enfrentam ao longo dos anos.

5. A Dificuldade do Diálogo sobre Violência no Namoro Dentro da Escola

Dessa forma muitos alunos identificam na figura do professor a dificuldade de reconhecer a existência dessa possível problemática da perpetração de violência no namoro (Donat *et al*, 2016). Na fala de (Marcos, 17) “*Eu acho que tem dificuldade, professores...só dá aula, tem aluno que é mais próximo do professor*”, corrobora com os pensamentos da autora, quando a mesma explica que esse papel dos professores em dialogar com os jovens com o objetivo de identificar alguma violência se torna mais difícil devido a sua função que não

contempla essa investigação de casos, o que mostra a necessidade de serviços mais especializados no ambiente escolar, como por exemplo um núcleo de apoio que constitui uma equipe multidisciplinar com assistentes sociais e psicólogos, expondo assim a dificuldade dos jovens de dialogar sobre esse tema (Donat *et al.*, 2016). Pode-se assim, observar a partir dos depoimentos de alunos, como se torna difícil esse diálogo na escola:

Marcio,18	<i>“Eu acho que tem dificuldade, porque...tipo os amigos são mais próximos, professores...só dá aula...”</i>
Luana,16	<i>Acho que não, porque[...] na escola,[...] falando na escola,[a escola] podia falar “pra” família”.</i>
Marcos,17	<i>“Acho que, as vezes até com amigo não consegue, por medo de falar, com vergonha”.</i>

Podemos comparar esses depoimentos com estudos realizados em 10 cidades brasileiras, constata-se que os amigos com 45,9%, são os mais procurados para um diálogo sobre os problemas que possivelmente estejam presentes nos relacionamentos íntimos, enquanto os pais aparecem como uma segunda opção com 24,2%. Esse tipo de compartilhamento ocorre devido à falta de comunicação entre pais e filhos, e pertence nesse contexto o medo de julgamento (Lopes *et al.*, 2013).

No ambiente familiar encontram-se também dificuldades em dialogar sobre a temática da violência no namoro:

Luana,18	<i>“da família julgar mais...”</i>
Larissa, 18	<i>“Eu acho que sim, eu acho... que tem que deixar a vergonha de lado, e procurar ajuda,”</i>
Pedro, 17	<i>“Ah! se contar isso[...]eu acabo com sua vida ou de sua família.”</i>

Os relatos das entrevistas demonstram a dificuldade que os/as jovens possuem em falar com a família sobre as violências que permeiam as relações de namoro, fato este, que faz

com que ela tenha preferência em conversar com os amigos da mesma faixa etária. (Barbosa, 2019). Compreendendo assim que o julgamento da família muitas vezes impede que estes diálogos ocorram dentro do ambiente fraterno.

Mediante a educação com relação à saúde dos jovens, no que diz respeito a violência no namoro, existem os programas direcionados para o contexto escolar, onde a promoção de uma educação e uma cultura em que não vivencie nenhum tipo de violência na adolescência, isso se faz necessário devido à grande permanência desses jovens no ambiente escolar e que também é neste mesmo ambiente que suas primeiras experiências amorosas vão surgindo (Leitão *et al.*, 2013). Nessa perspectiva, se torna também compromisso de a escola potencializar essas ações que tenham como objetivo promover a conscientização destes adolescentes para a questão, fazendo assim o desmonte de crenças machistas que por muitos anos tem contribuído para a perpetração da violência no namoro (Caridade, *et al.*, 2018).

Diante das dificuldades apontadas referentes ao diálogo nas escolas e também no ambiente familiar, só ressalta a importância de se romper com essa cultura de que as mulheres devem se submeter a relações que exista alguma forma de violência, e mais importante ainda sanar o julgamento que permeia a vida das vítimas, para que não haja omissão dessas violências por medo de serem punidas pela sociedade como merecedoras de tais violências.

6. Considerações Finais

Através do estudo descrito no texto, pode-se analisar o entendimento dos jovens sobre a violência presente no namoro, e como para alguns: essas são formas erradas de tratar uma pessoa, enquanto que para outros: é visível o questionamento do por que as meninas sempre voltam para os companheiros.

Compreendendo que a partir de estudos já realizados, as meninas têm sido mais vulneráveis às violências no namoro, e encontram dificuldade em dialogar sobre isso com outras pessoas, sendo a família ou amigos próximos. A escola foi apontada neste estudo como um local em que os/as entrevistados (as) relataram não se sentir à vontade de ter um diálogo com os professores além dos assuntos das aulas, mostrando assim que a escola possui uma fragilidade em dialogar com esses jovens sobre as temáticas que abordam o namoro.

Em suma, o estudo retratou a dificuldade que os jovens possuem para dialogar sobre a violência no namoro na escola ou com alguém da família, constituindo uma interdição que necessita ser revertido, dentro da escola pode ser inserido oficinas pedagógicas com as temáticas voltadas não só apenas para os/as alunos/as, mas também para professores e pais.

Outro componente importante seria a implantação de um núcleo de atendimento especializado multiprofissional com assistentes sociais, psicólogos e demais profissionais que poderiam estar diretamente dialogando com meninos e meninas dentro do ambiente escolar, com o objetivo de dar suporte aos mesmos, caso ocorra o surgimento de violência na relação afetivo sexual, para que esses jovens possuam o conhecimento sobre o que deve ou não acontecer em um relacionamento compreendendo assim que é preciso ter o ensinamento de alguém, quer seja na escola ou no ambiente familiar, ressaltando dessa forma a grande importância de se falar abertamente da temática nesses espaços, para que se evite que esses assuntos fiquem restritos apenas entre os adolescentes e jovens.

É necessário ressaltar a importância de se estudar mais a fundo a temática, buscando compreender o porquê das jovens que vivem algum tipo de violência no namoro, optar na maioria das vezes retornam para a relação. Isso implica em estudos mais aprofundados e necessários para se dialogar novas metas para romper com essas práticas de violência nas relações afetivo-sexuais.

Referências

Barros, S. M. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e idealização de comportamentos suicidas*. Dissertação de Mestrado em Medicina Legal. Porto: Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Brancaglioni, B. de C. A., & Fonseca, R. M. G. S. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), p. 946-55.

Caridade, S., Pereira, R., & Soeiro, C. (2018). Escola no controlo da violência no namoro: percepções dos agentes educativos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 18, 111-133.

Cabral, J., Santos, S., & Oliveira, C. (2015). Perfil Sociodemográfico, Epidemiológico e Clínico dos Casos de Hiv/Aids em Adolescentes no Estado de Pernambuco. *Revista Brasileira Multidisciplinar*, 18(1), 149-163. doi:<https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2015.v18i1.345>

Cecchetto, F, Oliveira Q. B. M., Njaine, K., Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface* (Botucatu), 20(59), 853 – 64.

Cecchetto, F. et al. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface* (Botucatu), Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, Dec.

Oliveira, M., & Rose, M. E. (2016). “Você tentou fechar as pernas?” – A cultura machista impregnada nas práticas sociais. *polêm!ca*, 16(3), 001-018. doi: <https://doi.org/10.12957/polemica.2016.25199>. Acessado em 23 de junho de 2020.

Donat, J., Moura, T. C., Carvalho, J. C., & Kristensen, C. H. (2016). Professores e maus-tratos - uma revisão teórica sobre reconhecimento, denúncia e capacitação. *Revista Educação*, 39, 66-73.

Santos, K. B., Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 787-800.

Freire, F. M. C. (2016). *Ciúme patológico e violência contra a mulher: a ficção cotidiana da alma ciumenta / Frederico Maciel Camara Freire*. – 69 f.: il.; 30 cm.

Gomez, A. M., Speizer, I. S., Moracco, K. E. (2011) *Linkages between gender equity and intimate partner violence among urban Brazilian youth*. *Journal of Adolescent Health*, 49(4), 393-399. doi: 10.1016/j.jadohealth.2011.01.016.

Le breton, D. (2017). *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas.

Leitão, M. N., Fernandes, M. I., Fabião, J. S., Sá, M. C., Veríssimo, C. M., Dixe, M. A. (2013). *Prevenir a violência no namoro: N(Amor)O (Im)Perfeito: Fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra, Portugal: Escola Superior de Enfermagem de Coimbra; Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem.

Machado, L. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Magalhães, J. M., Teixeira, A. M., Dias, A. T., Cordeiro, J., Silva, M., Mendes, T. (2017). *Prevenir a Violência, Construir a Igualdade*. Porto: Edições UMAR.

Martins, A. P. (2017). Violência no Namoro e nas Relações Intimas Entre Jovens: Considerações Preliminares Sobre o Problema no Brasil. *Revista Gênero*. Niterói, 17(2),9-28.

Minayo, M. C. S., Assis, S. G., Njaine, K., orgs. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 87-139.

Moura, J. R. A., Figueiredo, I. G. A., Santos, T. N. C., Sousa, E. C., Vieira, T. F., Lima, S. E. A. (2015). Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. *Revista Intertox-EcoAdvisor de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade*, 8(2), 117-130.

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psic Teor Pesq.* 32(3), 1–12.

Oliveira, G. C. C., Paes, M. S. L. (2014). Violência de gênero contra a mulher: a vivência deste fenômeno. *Revista Enfermagem Integrada– Ipatinga: Unileste*, 7(1), Jul./Ago.

Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., Oliveira, R. V. C. (2011). *Violências nas relações afetivo-sexuais*. In: Minayo, M. S. C., Assis, S. G., Njaine, K., organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ficar entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Paulino, M., & Rodrigues, M. (2016). *Violência Doméstica- Identificar, Avaliar e Intervir*. Lisboa: Prime Books.

Pereira, A. S., et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1.

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência* (Coleção Brasil Urgente). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Santos, Ebe Campinha; Medeiros, Luciene Alcinda de. (2017). *Lei Maria da Penha: Dez anos de conquistas e muitos desafios*. XXIX Simpósio Nacional de História.

Segato, R. *El periodismo y el espejo de la reina mala. Palestra ministrada no XII Encuentro de la Red Par (Periodistas de Argentina en Red por una comunicación no sexista) no dia 18 de agosto em Rosário*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VisFuMndGZE>. Acesso em: 17 fevereiro de 2020

Schleiniger, C. S., & Strey M. N. (2016). *Violência de gênero nas relações afetivo-sexuais entre adolescentes: Enfrentamento intersetorial*. Disponível em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/30.pdf>

Solomon, R. (2015). *Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Souza, B. T. (2013). *Reflexões sobre os aspectos sociais da violência doméstica contra a mulher*. (Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Serviço Social, Universidade Federal Fluminense, Polo Universitário de Rio das Ostras, RJ).

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Alba da Silva Mateus – 35%

Brenna Galtierrez Fortes Pessoa – 20 %

Ranieri Flávio Viana de Sousa – 10%

Mariana Almendra Cavalcante do Nascimento – 8.5%

Liana Maria Ibiapina do Monte – 8.5%

Elaine Ferreira do Nascimento - 18%